

The background of the cover is a complex, abstract graphic composed of numerous overlapping, curved lines. These lines form a dense, organic shape that resembles a stylized flower or a cluster of petals, with the lines radiating from a central point on the left and curving outwards and downwards towards the right. The lines are thin and black, creating a sense of movement and depth.

Juliana Campos

As formas do eletrônico
o *e-book* e a literatura digital

Belo Horizonte _ FALE-UFMG _ 2016

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor
Rui Rothe-Neves

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Reinildes Dias
Sônia Queiroz

Projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais
Juliana Campos

Diagramação
Juliana Campos

Revisão de provas
Juliana Campos

ISBN
978-85-7758-284-6 (impresso)
978-85-7758-283-9 (digital)

Endereço para correspondência
Laboratório de Edição – FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: revisores.fale@gmail.com
site: www.letras.ufmg.br/labeled

Sumário

7 **Apresentação**

Carla Viana Coscarelli

11 **O estudo do livro eletrônico**

15 **A contribuição do mundo eletrônico para a escrita**

23 **O aparecimento dos *e-readers***

31 **Literatura digital**

47 **Os leitores e as editoras**

57 **Referência**

Tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro.
Mallarmé

Apresentação

Há alguns anos, discute-se muito se os meios de comunicação digitais vão eliminar os impressos. Regina Zilberman no livro *Fim do livro, fim dos leitores?* discute muitas questões relacionadas à leitura e ao livro, passando pela história do livro, do leitor e das leituras. No capítulo intitulado “Fim do livro” ela diz

Os vaticínios provêm dos profetas da aurora do milênio, cujas palavras revelam, de um lado, otimismo, de outro, desalento. A primeira reação deve-se à possibilidade de se descortinarem horizontes julgados, até poucos anos, ser quer imagináveis. A segunda, porém, advém da hipótese de desaparecerem culturas e tradições milenares, transformadas em espaços hipotéticos alojados nas memórias de máquinas impessoais. (p. 105-106)

De forma muito ponderada ela nos leva já em 2001, a pensar os materiais digitais, como mudanças que “determinam não apenas rupturas, mas também continuidades, desde que adaptações ocorram” (p. 117). Assim, ela nos mostra que uma tecnologia nos faz repensar as outras e que existe, depois da desestabilização, uma nova adaptação do sistema, no qual os elementos, muitas vezes, assumem novos papéis.

O trabalho de Juliana Campos retoma esta discussão, analisando *e-readers*, sua recepção pelos leitores, e também o que vem sendo produzido na literatura digital. É uma ótima introdução para quem quer se inteirar das discussões, dos conceitos mais relevantes acerca do assunto, para quem quer conhecer algumas experiências literárias digitais e se inteirar de algumas polêmicas sobre este tema.

Alguns dados trazidos aqui nos surpreendem ao mostrar que o livro impresso é uma tecnologia robusta que não tem se dobrado frente a outras. O livro impresso parece se fortalecer frente a outras tecnologias que apresentam outras possibilidades de leitura e de exploração na produção dos textos. As tecnologias desdobram a noção de texto, que se reconfigura em novas possibilidades de escrita, explorando um tipo de hipertextualidade característico dos meios digitais, integrando elementos multimodais como filmes, animações e recursos sonoros.

8. As formas do eletrônico: o *e-book* e a literatura digital

Além disso, tem promovido a interação rápida, fácil e direta entre autores e leitores. O livro impresso, por sua vez, mesmo em face de tantas possibilidades apresentadas pelos recursos digitais, ainda tem a preferência dos leitores e dos editores. Voltamos a Zilberman, quando afirma que “experiências de vanguarda propuseram outras instruções ao leitor, mas, ao desmontar o modelo tradicional, acabaram por confirmá-lo pelo avesso” (p. 107).

Carla Viana Coscarelli

O estudo do livro eletrônico

A motivação para realizar este trabalho surgiu a partir do meu primeiro acesso a um *e-reader*.¹ Em 2013, conheci o *Kindle*, através de uma amiga, e como já tinha um *tablet*, instalei o aplicativo de dois leitores: o *Kobo* e o *Kindle*. Comecei a compartilhar minhas experiências de leitura com essa amiga que me apresentou o aparelho e com outros amigos que na época compraram um *Kindle* ou um *Kobo* e também gostaram da novidade. O que nos chamava a atenção nesses dispositivos de leitura era a possibilidade de ter em mãos vários títulos em um único suporte que, pelo tamanho e peso, em média 200 g, pode ser transportado na bolsa ou no bolso com facilidade, além da comodidade para comprar livros: bastava entrar no *site* da livraria a que o *e-reader* estava vinculado, escolher o título e após alguns minutos ele estaria disponível para leitura.

¹ Dispositivo utilizado para leitura de *e-books* (livros digitais). As marcas mais conhecidas desses aparelhos são: *Kindle*, *Kobo* e *Lev*. Cada um deles está associado a uma livraria: o *Kindle* está associado à Amazon, o *Kobo*, à Cultura e o *Lev*, à Saraiva.

Em alguns aspectos os *e-books* se assemelham ao impresso: o texto se apresenta em uma tela que imita uma página de papel – a iluminação é medida de forma a não cansar muito os olhos e a superfície do aparelho é fosca –, no momento em que a leitura é pausada, a página é salva de forma que, ao retornar ao texto, o usuário será direcionado à parte em que a leitura foi interrompida. É possível ainda destacar algum trecho de maneira semelhante ao que é feito com canetas nos impressos e adicionar notas, parecidas com as pequenas anotações dos leitores nas margens dos livros de papel. Como é comum se fazer em casa e nas bibliotecas, os livros, nos *e-readers*, também são organizados em estantes, porém virtuais. Além desses recursos que aproximam o livro eletrônico do livro impresso, outros, peculiares às máquinas, também nos chamaram atenção, como a possibilidade de alterar o tipo e o tamanho da fonte, escolher a intensidade da iluminação bem como a cor do fundo da tela e acessar o material que está sendo lido em outros aparelhos – outro *e-reader* de mesma marca ou *tablet* – através de um *login*.

Basicamente esta publicação apresentará detalhes de mais um suporte à disposição dos leitores para acesso à informação. Além disso, serão expostos um pouco do que vem sendo produzido e categorizado como *Literatura digital*, graças ao desenvolvimento dos recursos de escrita em computadores, a repercussão do livro eletrônico e o trabalho das editoras com esse tipo de livro.

Como fonte de pesquisa, além de alguns livros de estudiosos conhecidos, foram utilizadas algumas entrevistas, matérias de jornais publicadas à época em que estavam sendo lançados os primeiros *e-readers* e um *site* desenvolvido pelos idealizadores do *Movimento Literatura Digital*. Isso para que pudessem ser respondidas perguntas do tipo: “Como foi o surgimento do livro eletrônico?”, “Como acontece o processo de edição deles?”, “Quais são as principais características que motivam os consumidores a buscá-los?” e “Que tipo de literatura vem sendo explorada em ambiente virtual?”.

A contribuição do mundo eletrônico para a escrita

O surgimento dos computadores e o desenvolvimento de muitos outros aparatos eletrônicos utilizados para veicular informações trouxeram novas possibilidades para a escrita e a leitura, pautadas no aumento do volume e na agilidade de transmissão de conteúdos.

A partir dos anos 1990 os computadores e a internet permitiram trocas mais rápidas de informações, pois era possível intercomunicar muitas pessoas de uma vez só. Muitos jornais passaram a ser divulgados também no ambiente virtual, as instituições de ensino puderam investir nos cursos a distância, as universidades contaram com mais um meio para compartilhar sua produção de conhecimento e muitos escritores divulgaram seus poemas, contos e romances para leitores de todas as partes, facilitando assim seu próprio reconhecimento.

A quantidade de aparelhos aumentou e seus recursos se ampliaram. Surgiram os *notebooks*, os *netbooks*, os *e-readers*, recentemente os celulares que têm acesso à internet e os *tablets*. Em razão dos recursos disponíveis nesses apa-

relhos e da internet, foi possível fazer circular textos gratuitos, como os da *Wikipédia*, nos quais o leitor pode fazer interferências, como comentários e acréscimos; assim como textos nos quais há interesse comercial e que não podem ser modificados. Em ambas as modalidades: textos de todos os gêneros publicados na internet por todo o público que pode acessar a rede, bem como os *e-books*, há a exploração da escrita hipertextual.¹ Tal forma de escrita faz nascer textos nos quais permeiam outros textos, que podem ser acessados através de *links*. Estes direcionam os leitores a vídeos, a figuras, a referências de outros *sites* e a comentários, por exemplo.

No que diz respeito ao aspecto material, elementos como capa, tipo do papel utilizado, ornamento de lombada, marcadores de páginas e outras partes dos livros, em muitos momentos escolhidas de acordo com o gênero produzido, perderam visibilidade. A tela cria um padrão para a forma de apresentação física dos textos: os livros terão sempre a espessura e o tamanho do suporte utilizado para a leitura (*e-reader*, *tablet*, computador, celular), terão a mesma textura também. Sobre isso Roger Chartier tece a seguinte consideração:

¹ “é ‘uma rede de conexões entre palavras, idéias e fontes que não tem núcleo central nem fim’. O hipertexto, que existe apenas no estado virtual, contém um conjunto de dados reunidos no ambiente informático e pode ser lido de várias maneiras. Esses ‘dados são divididos em elementos ou núcleos de informações’”.

(SNYDER *apud* MARCOTTE. O hipertexto, p. 53.)

É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade. Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos.²

Apesar das pequenas mudanças ocorridas, por exemplo, quanto à impossibilidade da preservação dos aspectos físicos do livro em meio digital, muitos outros aspectos herdados do formato códice permaneceram. O mais marcante deles é a paginação: os *e-books* são divididos em sequências de páginas, semelhantes ao impresso. Outro ponto é a organização dos livros em estantes virtuais, semelhante ao que é feito nas estantes físicas das casas e das bibliotecas. A respeito da divulgação, a internet contribuiu para a autopromoção de muitos autores, que publicam parte de sua produção em *sites* e *blogs* e atraem um público. Posteriormente, quando decidem publicar livros, impressos ou virtuais, já conquistaram os consumidores de suas obras.

² CHARTIER. Línguas e leituras no mundo digital, p. 23.

A palavra *livro* remete as pessoas a um objeto que veicula conhecimentos e criações literárias e cujo formato é de um volume de folhas, envolto por uma capa, objeto existente há muitos séculos. Para a maioria dos leitores é difícil imaginar o livro de outra forma:

A verdade é que o livro impresso adotou para si o formato do códice e esse modelo plantou raízes tão fundas em nossa cultura que hoje se torna difícil pensar o livro como algo diferente. Mas ele pode ser diferente, como já foi em outros tempos e volta a sê-lo agora.

Podemos definir o livro numa acepção mais ampla, como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vôos de sua imaginação.³

Do ponto de vista da recepção do livro, deve-se considerar que para muitos leitores existe uma forte relação entre aspectos textuais e materiais de forma que ambos estão lado a lado na apreciação de uma obra. No Brasil, as novidades do eletrônico ainda não alteraram o gosto da maioria dos leitores. Há uma resistência quanto à aquisição dos livros digitais e dentre os argumentos utilizados para isso estão a atração pelo aspecto material do impresso, o conforto proporcionado aos olhos pelo

³ MACHADO. Fim do livro?, p. 204.

papel, a importância dada ao tipo desse papel, à capa, às cores. A produção editorial do impresso ainda é maior, por mais que exista uma diferença muito grande de custos, cerca de R\$14.000 para 1.000 exemplares, enquanto são necessários R\$3.000 para a produção de um *e-book*.

Em termos de resistência material, os suportes eletrônicos contribuem menos para a preservação dos textos. Os materiais que constituem esses suportes são mais frágeis do que o papel feito com polpa de madeira. Além disso, esses suportes eletrônicos são rapidamente atualizados. Isso implica a transferência constante da produção escrita e de vídeo para suportes também mais atualizados. A fita cassete, por exemplo, com o tempo de uso e a quantidade de vezes que era rebobinada passava a apresentar arranhões. Foi substituída então pelo DVD, que tinha maior capacidade de armazenamento e resistência. Os disquetes foram substituídos pelos CDs, também mais resistentes e com maior capacidade. Posteriormente pelos *pen drives*, dispositivos para armazenamento bem menores do que os CDs e mais resistentes, pois não sofrem arranhões, além de ter proteção anti-quebras. Apresentam bom custo benefício e servem nos *tablets* e *notebooks* atuais que não costumam vir com *drives* para CD. Assim como os suportes de armazenamento, os computadores leitores desatualizados desses suportes vão sendo colocados em desuso, param de ser

comercializados, forçando os usuários a mudarem seus dispositivos.

Os suportes eletrônicos permitem rápida difusão, mas não alta capacidade de conservação. Os computadores estragam com mais facilidade do que os livros, basta um pico de energia, por exemplo, ou mesmo uma queda do aparelho para que ele perca dados.

As obras em ambiente virtual são parcialmente apreciadas. Os leitores buscam nos textos partes específicas, sem muitas vezes conhecer a obra em sua totalidade. Inserem no campo de busca uma palavra ou uma frase e se concentram apenas em trechos. Cria-se um novo hábito de leitura, baseado no dinamismo. Sobre isso Roger Chartier observa:

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um web site), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.⁴

O meio eletrônico permite a divulgação e o acesso de muitas informações, por várias pessoas e de forma tão rápida que para acessar parte considerável dessa produ-

⁴ CHARTIER. *Línguas e leituras no mundo digital*, p. 23.

ção, o leitor se adapta à leitura fragmentada. A quantidade cada vez mais alta de textos disponíveis para leitura proporciona a aquisição de todo tipo de conhecimento, em diversas áreas, mas também obriga à seleção, seja da quantidade de conteúdo, seja da qualidade do que é disponibilizado.

O aparecimento dos *e-readers*

Com a popularização dos microcomputadores, não demorou muito até que novos suportes fossem criados para armazenar dados e permitir diferentes experiências de leitura e escrita. A primeira tentativa ocorreu em 1945, com o *Memex*, criado por Vannevar Bush.¹ Pretendia-se armazenar em um único dispositivo todo o conhecimento produzido, para que, quando necessário, fosse recuperado rapidamente. Ele representou o desejo por maneiras mais eficientes de armazenar informações, que pudessem ser acessadas de maneira mais rápida e fácil.

Na década de 1970 surge o termo *livro eletrônico*. Inicialmente os livros impressos eram digitalizados para serem lidos nos computadores. Posteriormente iniciou-se a criação de aparelhos específicos para armazenar livros em formato *PDF* e *e-pub*,² os *e-readers*.

¹ VANNEVAR Bush (1890-1974). 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/wBriqd>>. Acesso em: 19 out. 2015.

² O *e-pub* é um formato caracterizado por sua flexibilidade. Um texto nesse formato se adapta à tela de qualquer aparelho, pois é possível ajustar as dimensões das páginas do arquivo, o tamanho e o tipo da fonte.

Em uma matéria,³ publicada em abril de 2000, a *Folha de S.Paulo* apresenta uma breve trajetória dos *e-readers* e reconhece os primeiros modelos: o *Rocket eBook*, o *Soft-book Reader*, o *Everybook* e o *Cytale*, que surgiram no fim dos anos 1990 e eram capazes de armazenar uma média de 4.000 a 500.000 páginas. Esses aparelhos tinham telas que variavam de 12 cm x 19 cm a 30 cm x 22 cm, peso de 650 g a 2 kg e tempo de cinco horas ligados antes da próxima carga. Assim como os *e-readers* atuais, ofereciam aos usuários recursos como ajuste do brilho da luz de fundo da tela, o tipo e o tamanho da fonte e a orientação das páginas. Tinham poucos adeptos e em geral veiculavam o conteúdo de jornais, manuais, materiais acadêmicos e alguns romances. Um dos usuários que à época quis testar um *e-reader* foi uma jornalista americana que não se sentiu completamente “seduzida” pelo *Rocket eBook*. Ela destacou como vantagem as características físicas como *design*, tamanho e peso, que facilitavam o transporte, além da comodidade de ler seus jornais sem sujar as mãos e ter de fazer todo o movimento necessário ao manuseio de uma folha de jornal, entretanto observou que na versão eletrônica o jornal continha menos artigos que na versão impressa. Em parte de seu depoimento declara:

³ OFFMAN. A biblioteca portátil.

Eis o que vejo: a tela é mais ou menos pequena – 19 cm por 12 cm – e a fonte padrão se assemelha ao clássico Geneva do Macintosh: “sans serif” com letras de forma enxuta. A resolução é boa, mas nada que chegue aos pés daquela de um livro impresso, e não há cor (não que isso me faça falta) além do brilho esverdeado emitido pela tela, que é idêntica à de um Palm Pilot.⁴



Fig. 1 – Imagem do *Rocket eBook*.
Fonte: <<https://goo.gl/7iFfsv>>.

⁴ AUBER. *O que há de novo na linguagem eletrônica*, p. 10.

Com o passar do tempo, os *e-readers* foram se desenvolvendo em termos de *design* e aprimoramento material como durabilidade da bateria e resolução da tela. Os aparelhos mais recentes e vendidos são o *Kindle*, o *Kobo* e o *Lev*. Estão mais leves e finos e muitas das suas versões apresentam possibilidade de acesso *wi-fi*.

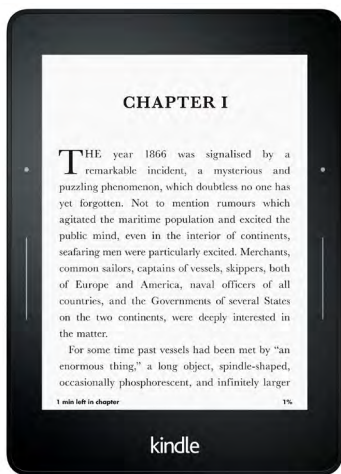


Fig. 2 – Imagem do *Kindle*.

Fonte: <<https://goo.gl/pTZElt>>.



Fig. 3 – Imagem do Kobo.

Fonte: <<https://goo.gl/Xgv6wq>>.



Fig. 4 – Imagem do *Levi*.

Fonte: <<https://goo.gl/xoauqv>>.

Os dispositivos atuais, com peso de aproximadamente 185 g e tela de 6 polegadas, contam com ferramentas para definir a forma de apresentação do texto na página: alinhamento, tipo e tamanho da fonte. Neles também é possível escolher a intensidade da luminosidade e a cor do fundo da tela. Para que o leitor possa visualizar em que ponto está na leitura, na margem inferior da tela aparece a quantidade de páginas que tem o capítulo e qual o número da página que está sendo lida. O *e-reader* também faz uma estimativa do tempo que ainda será gasto para terminar a leitura da obra, de acordo com a velocidade de leitura do usuário. Apresenta ainda em porcentagem a quantidade correspondente ao que já foi lido. Ao clicar em uma palavra, é possível destacá-la, criar uma nota com alguma observação sobre ela, compartilhá-la em alguma rede social e descobrir seu significado no dicionário. Se a leitura for interrompida, automaticamente a página que está sendo lida é marcada para ser retomada posteriormente. Os *e-books* podem ser organizados em uma estante virtual, por ordem alfabética de acordo com o título do livro ou nome do autor e ainda por ordem do que foi lido recentemente. Como imagem de fundo da biblioteca há algumas ilustrações para serem escolhidas.

Para figurarem nos *e-readers*, os arquivos se apresentam basicamente em dois formatos: o *PDF*, o *e-pub* e o

Mobi. O primeiro mantém o texto em uma forma mais fixa no que diz respeito à paginação, ao tamanho e tipo da fonte; no segundo, as páginas são reconfiguradas caso o leitor modifique a posição do seu *e-reader* ou o tamanho e o tipo da fonte.

Quanto à preparação do original para os dispositivos mencionados, mantêm-se as mesmas etapas do processo de editoração do livro impresso, com o acréscimo de apenas mais uma fase ao final de todo processo editorial. Dessa maneira, o original será formatado e revisado, em seguida será diagramado e todas as revisões de provas serão feitas; por fim, o arquivo será transferido para programas capazes de transformar as informações em códigos XHTML e CSS, que podem ser lidos pelos aparelhos eletrônicos.

Uma característica a ser observada nos *e-readers* é o tamanho, que se assemelha ao tamanho das versões *pocket* de alguns livros impressos. Tal tamanho, muito utilizado desde o século XIX para tornar alguns exemplares mais acessíveis em termos de custos e mais conhecidos, se assemelha aos dispositivos de leitura dos livros eletrônicos, que se propõem a facilitar o transporte e o manuseio dos títulos nele armazenados assim como as versões impressas *pocket*.

Literatura digital

O ambiente digital se tornou um importante espaço para a publicação e leitura de obras, principalmente pela facilidade de divulgação e acesso. Aos poucos foi sendo buscado por leitores e escritores. Um dos exemplos disso foi a criação do projeto *Gutenberg-e*. Planejado em 1997 e 1998, pelo historiador norte-americano Robert Darnton, o *Gutenberg-e* previa a seleção das melhores monografias de determinadas áreas acadêmicas como História para publicação em formato eletrônico. Após serem escolhidas, seus autores recebiam subsídios para que fizessem adaptações necessárias de forma que elas pudessem ser publicadas no formato digital. Eles poderiam inclusive inovar seus textos a fim de torná-los mais interessantes através de recursos como áudios, vídeos e *hiperlinks*.

Este ambiente proporcionou o desenvolvimento de uma literatura denominada digital, explicada por Marcelo Spalding, um dos escritores de obras que compõem a literatura digital no Brasil, da seguinte maneira:

Literatura digital, simplificando conceitos muito bem trabalhados por Hayles, é aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel, pois utiliza ferramentas próprias das novas tecnologias, como animações, multimídia, hipertexto, construção colaborativa. Claro que um projeto de literatura digital não contém tudo isso ao mesmo tempo, assim como um filme pode prescindir dos efeitos visuais ou usá-los de forma comedida. Cada projeto de literatura digital tem uma forma de lidar com essas ferramentas, considerando a limitação do autor ou da equipe de criação e, principalmente, o efeito estético pretendido com a obra.¹

Para melhor compreender a literatura digital, vale destacar a diferença entre livro digital e livro digitalizado. O livro digitalizado se apresenta normalmente de maneira muito semelhante ao livro impresso, pois não conta com elementos interativos. Se lido em um *e-reader*, poderá o leitor acessar, por exemplo, o dicionário virtual do aparelho, mas não terá o texto uma apresentação diferenciada, que obrigue sua leitura no meio eletrônico. Já o livro digital é criado para ser lido em tela. Os textos não podem ser impressos, considerando que seus recursos de multimídia – vídeos, áudios, *hiperlinks* – só são acessados virtualmente. Essas especificidades encontradas nas

¹ SPALDING. Literatura digital: apresentação, [s.p.].

Disponível em: <<http://goo.gl/c4gYoD>>. Acesso em: 19 out. 2015.

obras da literatura digital contribuíram com o nascimento de novos gêneros literários, como o hiperconto² e a ciberpoesia.³ O primeiro envolve narrativas nas quais podem ser explorados recursos multimídia, fazendo com que o conto chame mais atenção pela sua interatividade. O segundo, da mesma forma, envolve recursos audiovisuais na construção de poemas.

Como exemplo de um desses novos gêneros literários do meio eletrônico, destaca-se o hiperconto “Um estudo em vermelho”, de autoria de Marcelo Spalding e veiculado em sua página.⁴

² Conceito elaborado pelo professor Marcelo Spalding. Disponível em: <<http://goo.gl/TeKVfY>>. Acesso em: 19 out. 2015.

³ Conceito de ciberpoesia. Disponível em: <<http://goo.gl/yvFcHA>>. Acesso em: 19 out. 2015.

⁴ SPALDING. Um estudo em vermelho, [s.p.]. Disponível em: <<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

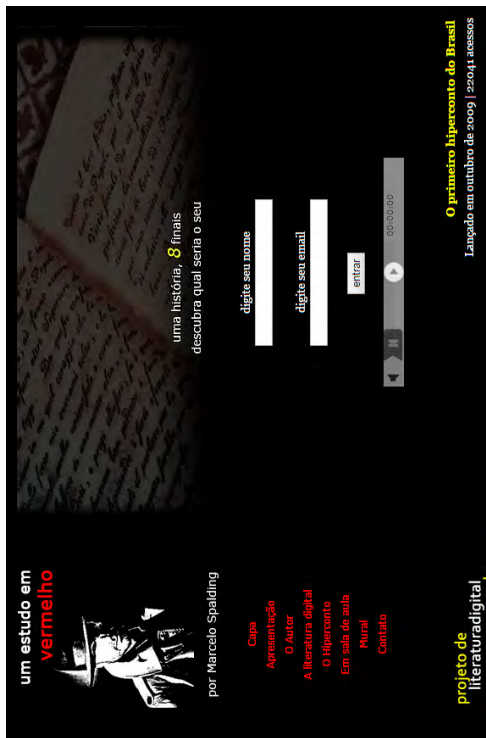


Fig. 5 – Página inicial do hiperconto “Um estudo em vermelho”, no qual o leitor coloca suas informações.
Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>>.

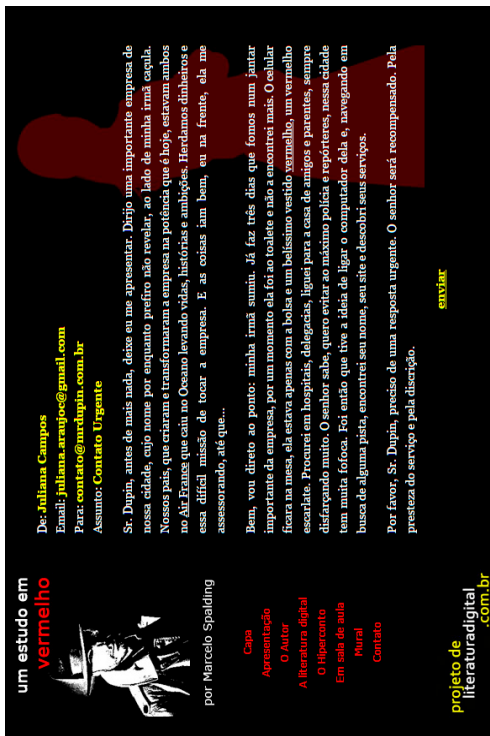



Fig 6 – E-mail enviado pelo leitor-personagem para o detetive sr. Dupin, pedindo auxílio para encontrar a irmã desaparecida.

Fonte: <http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>.

um estudo em
vermelho



por Marcello Spalding

De: Sr. Dupin
Email: contato@merdupin.com.br
Para: Juliana Campos
Assunto: Um estudo em Vermelho

Juliana Campos, antes de mais nada, é um prazer atender pessoa tão distinta, só devo pedir que não me chame de Sr. Dupin, e sim de Mr. Dupin, uma singela homenagem que presto ao grande Edgar Allan Poe e seu célebre detetive. Feita a ressalva, vamos ao caso.

Bem, sua história, devo dizer, é um tanto comum. Todos os dias meninas e senhoras somem, especialmente quando estão submetidas a grande pressão ou apaixonadas. Sim, na grande maioria das vezes, há um homem envolvido! E se for o caso, o melhor é evitar mesmo polícia e repórteres porque o desfecho pode ser pior para quem investiga do que para o procurado. Então, antes de seguir adiante, preciso que você me diga:

sua irmã pode estar fingindo ou você realmente acha que é caso de sequestro?

Saudações dupinianas

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O Hipertexto
Em sala de aula
Mural
Contato

projeto de
literaturadigital
.com.br

Fig. 7 – Resposta do detetive ao leitor-personagem e duas opções de continuidade do enredo para serem escolhidas pelo leitor.

Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>>.

um estudo em
vermelho



por Marcello Spalding

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O hiperconto
Em sala de aula
Mural
Contato

projeto de
literaturadigital
.com.br

De: Sr. Dupin o
Email: contato@mardupin.com.br
Para: Juliana Campos
Assunto: Re: Um estudo em Vermelho

Juliana Campos, lamento muito, realmente tem gente muito falsa por aí e uma de minhas missões é desmascarar essa gente. Farei de tudo por você, tenha certeza, com toda a discrição e presteza possíveis. E acho que estamos no caminho certo, veja como adivinhêi de cara seu problema.

Quanto a valores, você sabe que meu trabalho é muito difícil, ainda mais num caso como esse em que você tem urgência, precisa de muita discrição. Em moro em outra cidade, terei despesas com hotéis, ônibus, restaurantes, táxis... Por outro lado, uma pessoa tão distinta como você não pode contratar qualquer um, é preciso alguém como Mr Dupin, alguém capaz de solucionar casos impossíveis sem sair de casa, apenas pela dedução lógica. É verdade, Juliana Campos, houve um caso em que... Bem, não interessa.

Então, contando as despesas que terei mais o valor do serviço, podemos fechar por R\$ 750.000,00, sendo metade do pagamento para começarmos os trabalhos e a outra metade depois do caso solucionado. Pense bem, pode ser caso de vida ou morte, e a vida da sua irmã, tenho certeza, vale muito mais do que isso.

Saudações dupinianas

[responder](#)

Fig. 8 – E-mail do detetive contando qual preço cobraria para encontrar a irmã do leitor-personagem.
Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudocmvermelho/>>.

um estudo em vermelho



por Marcelo Spalding

Escolha uma resposta:

De: Juliana Campos
Email: juliana.araujoc@gmail.com

Para: Mr. Dupin
Assunto: Re: Re: Um estudo em Vermelho

De: Juliana Campos
Email: juliana.araujoc@gmail.com

Para: Mr. Dupin
Assunto: Re: Re: Um estudo em Vermelho

MR. Dupin, confesso que o valor é alto, mas a vida da minha irmã vale cada centavo. Aceito o seu preço e peço que venha até minha cidade para eu assinar os papéis e pagar a primeira parcela.

MR. Dupin, o senhor só pode estar brincando... Isso é uma fortuna! Não posso concordar com esse preço de forma alguma, mas agradeço sua atenção e confio na sua discreção. Irei continuar procurando com minhas próprias forças e, qualquer eventualidade, volto a entrar em contato.

enviar


enviar

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O Hiperconto
Em sala de aula
Plural
Contato

projeto de literaturadigital.com.br

Fig. 9 – Duas possibilidades de resposta que poderiam ser dadas pelo leitor para o e-mail do detetive sobre o preço do serviço de busca da irmã desaparecida.
Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>>.

**um estudo em
vermelho**



por Marcel Spalding

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O Hiperconto
Em sala de aula
Mural
Contato

**projeto de
literaturadigital
.com.br**

De: Sr. Dupin 2
Email: contato@mrdupin.com.br
Para: Juliana Campos
Assunto: Re: Re: Re: Um estudo em Vermelho

Juliana Campos, desculpe a insistência, mas é um caso de vida ou morte e, se você tentar investigar por conta própria, pode ser tarde demais, a Mixuca vale muito mais do que isso... Além do mais, não seria nada bom para a empresa ver a família envolvida em novo escândalo, ou nova tragédia. O melhor, você mesmo disse, é ficar longe de polícia e repórteres. Pense nisso.


Saudações dupinianas

Mixuca??? Como você sabe o apelido de infância da minha irmã???

Fig. 10 – E-mail de resposta do detetive insistindo na investigação e fazendo uma grande revelação sobre o apelido íntimo da desaparecida, que só a família conhecia.

Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudomvermelho/>>.

um estudo em **vermelho**



por Marcello Spalding

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O Hiperconto
Em sala de aula
Mural
Contato

De: Juliana Campos
 Email: juliana.araujo@gmail.com
 Para: Big Bang
 Assunto: Últimas combinações

Três dias sem respostas daquele tal de Mr. Dupin. Miserável. Mícuca, Mívuca... Ninguém além de mim e dos meus pais conhece esse apelido. Ai tem coisa, ai tem coisa... Agora não sei se procuro o Silveira da DP ou o Big e resolvo do jeito dele.

Senhor Silveira da 2ª DP, conforme conversamos por telefone, formalizo denúncia contra um tal de detetive, Mr. Dupin, e me responsabilizo pelos custos da corporação caso a busca se mostre infundada.

Estou muito desconfiado que de alguma forma esse detetive esteja envolvido no caso e só a força policial poderá me ajudar nesse momento.

Como não quero polícia e repórteres metidos nisso, vamos ter que surpreender o cara no escritório dele e fazer ele confessar de qualquer jeito o que sabe do sumiço da mana. Até porque foi nas coisas dela que encontrei o contato dele... É olho por olho, dente por dente!

enviar

enviar

projeto de literaturadigital.com.br

Fig. 11 – O leitor-personagem tem duas opções de e-mail para enviar para investigadores diferentes, para auxiliar no caso da irmã desaparecida.

Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudoemvermelho/>>.

um estudo em vermelho



por Marcelo Spalding

Capa
Apresentação
O Autor
A literatura digital
O hiperconto
Em sala de aula
Mural
Contato

final 6

Juliana Campos, você deixou que matassem sua irmã

Juliana Campos, você sempre foi uma pessoa decidida, firme, e não seria diferente agora. Logo que o detetive pediu aquela pequena fortuna para salvar sua irmã, decidiu ir atrás dela sozinho. E quando ele mencionou o nome sagrado da MHX, percebeu que tinha coisa errada e decidiu visitar pessoalmente o tal Dupin. Não sozinho, claro, afinal o Big Bang existe pra isso. E chegaram como quem chega num consultório médico, apertaram a campainha, bateram na porta. Uma, duas vezes. E qual não foi sua surpresa quando ela mesma abriu a porta e gritou: Juliana Campos? Sem o vestido vermelho. Sem nada.

Primeiro você levou um susto: então eles... E sim, depois você ficaria sabendo que os dois eram amantes há anos, antes mesmo da morte trágica de seus pais, que o golpe fora planejado por ela, fugiriam com os R\$ 300 mil de adiantamento e passariam um ano fora do país. Mas nada disso surpreenderia tanto você quanto a reação de Big Bang ao ver os dois amantes: o brutamonte cerrou os dentes, olhou como um animal para o detetive e estrangulou-o com as próprias mãos. Depois partiu para cima de sua irmã aos gritos de vagabunda!, traidora!, cretina!, sem que você fizesse nada para impedir. Afinal, ele era o traído.

Antes de sair do escritório, o brutamonte já recomposto, você de mãos lavadas e o revólver colocado com cuidado na mão do detetive, você ainda lembrou de dizer: Big Bang, você será recompensado. Pela prestação do serviço e pela descrição.

projeto de
literaturadigital
.com.br



imprimir sua versão | indicar para um amigo

Fig. 12 – Um dos desfechos possíveis para o caso da irmã: morte da desaparecida.
Fonte: <<http://www.hiperconto.com.br/estudocemvermelho/>>.

Neste conto, publicado em 2009, destacam-se a presença do áudio e principalmente dos *hiperlinks*. O ritmo da música está em consonância com o tema do conto e ajuda o leitor a se envolver no enredo, transmitindo a ele a ideia do suspense pretendido na proposta de criação da trama. O enredo se baseia no desaparecimento da irmã do personagem principal, que será representado pelo próprio leitor, a partir dos dados por ele fornecidos no início da narrativa. Incluído como personagem da história, este leitor-personagem enviará *e-mails* para um suposto detetive, o Sr. Dupin, pedindo auxílio para encontrar a irmã desaparecida. Enviará *e-mails* também para outros personagens, como o delegado, a fim de solucionar o caso. O leitor não escreve os *e-mails*, mas escolhe um *hiperlink*, dentre várias opções, com o conteúdo da mensagem e, para cada uma delas, há a variação da conduta, do comportamento dos personagens e do desfecho da narrativa, sendo oito possibilidades para o final. Tal recurso, um dos responsáveis pela interação entre leitor e texto e por estabelecer a não linearidade na narrativa, é, de algum modo, um aprimoramento, para uso em suporte eletrônico, de enredos nos quais o leitor pode escolher trechos e de forma limitada conduzir o desenrolar da narrativa. Enredos que apresentam múltiplas possibilidades de continuidade de uma história e permitem ao leitor fazer escolhas durante a leitura

foram criados também em momentos anteriores, com livros impressos.

Um exemplo é a obra *O jogo da amarelinha*, do escritor argentino Júlio Cortázar. Publicada em 1963, essa obra foi dividida em partes e, semelhante ao que ocorre no hiperconto “Um estudo em vermelho”, apresenta a possibilidade de o leitor fazer a escolha, durante a leitura, da ordenação capitular, de forma a modificar o desenrolar dos fatos, em razão das múltiplas combinações criadas pelo autor. O final variará conforme as opções do leitor, revelando diferentes características dos personagens.

O Jogo da Amarelinha é uma obra aberta – um romance que pode ser “desmontado” pelo leitor, que tem a liberdade de refazer o plano de seus episódios. O autor nos fornece duas sugestões de leitura: uma descontínua, que pula sobre os capítulos [...] mas passa por todos eles [...] e uma contínua, que segue em ordem até o capítulo 56, onde se encerra, prescindindo dos 99 capítulos restantes. Mas há infinitas outras formas de abordar o livro. [...] Conforme o roteiro seguido, os personagens se modificarão, pois serão vistos de outro ângulo, e as próprias situações mudarão de significado, colocadas antes ou depois de determinados acontecimentos.⁵

Muitas das características do impresso permanecem em obras da literatura digital, como a forma de organi-

⁵ CORTÁZAR. *O jogo da amarelinha*, p. 7.

zar o desenrolar da narrativa, mas alguns aspectos paratextuais⁶ não puderam se manter, ao passo que outros foram criados. Aspectos físicos – tamanho, peso do livro, assim como o tipo do papel – valorizados por muitos leitores, e que já definiram a importância do conteúdo em outros momentos históricos e que podem tornar uma obra mais valiosa, perderam importância. Os livros digitais em termos físicos não possuem características próprias, pois tomam a forma dos suportes nos quais figuram.

Paratextos como áudios, *links* e animações, que influenciam a percepção da obra e sua leitura, são *possíveis* apenas para as obras digitais e permitem múltiplas possibilidades de criação por parte dos autores. Para leitores e escritores da literatura digital, os suportes eletrônicos, assim como os impressos, constituem meios importantes para propagação da produção literária, cada um a seu modo, explorando seus próprios recursos. O autor

⁶ “A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que [...] batizei de paratexto da obra [...]” (GENETTE. Introdução, p. 9).

do hiperconto citado neste capítulo e outros adeptos do *movimento literatura digital* expõem essa ideia da seguinte maneira:

O movimento Literatura Digital é um movimento permanente em defesa da leitura e da literatura na era digital. Defendemos que a literatura está para além do livro e que ela pode ter um papel fundamental para a educação e a sociedade através das mídias digitais, como computador, tablet, smartphone, televisão. O que não diminui em nada a importância do livro impresso, que irá conviver com as novas formas de se publicar literatura.⁷

Apesar de todas as possibilidades oferecidas pelos aparelhos eletrônicos e de cada vez mais pessoas terem acesso a esses aparelhos, a produção de obras para serem lidas em ambiente virtual ainda é bem restrita quanto ao uso dos recursos digitais; boa parte dos autores utilizam apenas *hiperlinks*. A literatura digital ainda não alcançou muitos leitores e poucas obras foram produzidas. A tecnologia proporcionou inúmeras possibilidades para a produção escrita, mas os hábitos culturais ainda estão associados ao livro impresso como o conhecemos. Isso explica por que a maioria dos *e-books* são semelhantes à estrutura do códice, por que pouco exploram os

⁷ Literatura digital. Disponível em: <<http://www.labirintos-sazonais.com/#literatura-digital/c1xfq>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

recursos digitais e também a apropriação pelo impresso de algumas características do digital, como textos fragmentados e de ilustrações que remetem a recursos como e-mails e páginas da web. Toda essa associação deve-se a um processo cultural, perpetuado entre leitores de várias épocas.

Os leitores e as editoras

A fim de dimensionar a percepção dos leitores sobre o livro eletrônico e como tem sido o trabalho com essa modalidade de livros, entrevistas foram feitas com duas editoras de Belo Horizonte – Fino Traço e Editora UFMG – e com oito usuários de *e-readers*. As editoras publicam, principalmente, títulos da área acadêmica.

Para a entrevista com as editoras, foram selecionadas seis perguntas, sendo elas:

1. Como o original é preparado para a versão eletrônica?
2. A editora seleciona livros de gêneros específicos para serem publicados como *e-books* ou todos os livros produzidos são publicados em versão digital?
3. Os títulos publicados em versão digital apresentam quais recursos interativos – vídeos, áudios, *hiperlinks*, animações e outros?
4. Pelo levantamento do número de vendas, existe maior demanda para o impresso ou para o eletrônico?
5. A diferença de preços de um mesmo título em formato digital e na versão impressa costuma ser de quanto para

os leitores? E para os autores, qual a média de custo para produzir um livro em formato impresso e em formato eletrônico?

6. A escolha quanto à publicação eletrônica ou impressa é do autor ou da editora?

Para os leitores, foram selecionadas seis perguntas, sendo elas:

1. Qual *e-reader* você utiliza? Há quanto tempo?

2. O que te atrai nos *e-books* (facilidade para compra, para armazenamento, preços)?

3. Você tem preferência por livros impressos ou livros digitais?

4. Você costuma comprar algum gênero específico em formato eletrônico ou compra livros de todos os gêneros nesse formato?

5. Quais recursos interativos (áudios, *hyperlinks*, animações) continham os livros eletrônicos que você já adquiriu?

6. Você utiliza os recursos disponíveis nos *e-readers* como notas, destaques e comentários?

O grupo de leitores entrevistado foi composto por uma graduada em Letras, duas estudantes da graduação desse mesmo curso, uma estudante do mestrado e uma estudante do doutorado também em Letras, um professor universitário, um aluno de graduação com deficiência visual e uma encadernadora, formada em Artes Plásticas em 1967.

Esta última experimentou a leitura no *Kindle* uma única vez, quando pegou emprestado, por incentivo de uma conhecida, o aparelho para ler o título *Garota exemplar*. A entrevistada disse que gostou de ter tido contato com um *e-reader*, mas que não se sentiu atraída e que mantém a preferência pelo livro impresso. Manusear o material do livro tem seu valor. A leitora utilizou o aparelho apenas para ler, não utilizou os recursos nele disponíveis.

A graduada tem campo de visão limitado, por isso ler um *e-book* é mais confortável para ela. Quando quis experimentar ler livros eletrônicos, comprou o leitor *Kindle*, mas não se adaptou, pois seu aparelho não permitia modificar a cor do fundo da tela. Vendeu o *e-reader* e começou a utilizar o *Kindle* como aplicativo no *tablet*. Neste era possível selecionar a cor preta para o fundo da tela, que se adapta mais as suas necessidades, e ainda modificar o tipo e o tamanho da fonte. Todos os recursos são constantemente empregados: anotações, marcadores, campo de busca e principalmente o dicionário. Esta leitora lê mais livros eletrônicos do que impressos, pois sua leitura no *tablet* é mais fluida, porém a ausência material do impresso a incomoda: a sensação de posse sobre os *e-books* é menor, não é possível tocar o volume do livro nem emprestá-lo.

Uma das estudantes da graduação ganhou um *Kindle* de presente em maio de 2015. Leu dois títulos em

seus momentos de lazer. Não utilizou nenhum recurso disponível no aparelho, apenas fez a leitura. Gostou da possibilidade de transportar livros facilmente, achou os preços convenientes e também bem rápida e prática a compra. Ela contou inclusive que recentemente publicou um livro na Amazon, empresa criadora do *Kindle*. O *site* da empresa continha um programa que possibilitou a edição gratuita do livro pela própria autora. O título está sendo comercializado exclusivamente em formato eletrônico.

A outra graduanda utiliza o *Kobo* desde que entrou na faculdade, há quatro anos. Comprou o aparelho com o intuito de economizar com os livros ou trechos de livros xerocados que deveria comprar durante o curso. Ela achou vantajosa a capacidade de armazenamento do aparelho, os preços dos *e-books*, a possibilidade de encomendar livros no *e-reader*, o fato de ele comportar o formato *e-pub* assim como o *PDF* e os recursos de inserção de notas, destaques, dicionário, campo de busca, que permite localizar palavras e trechos com rapidez. Os títulos comprados até o momento tiveram como único recurso interativo os *hiperlinks*. Apesar de gostar de todas as possibilidades de seu *e-reader* e utilizá-lo com frequência, a leitora prefere os livros impressos. Para ela as características físicas dos livros também são atrativas.

A mestranda tem um *Kindle* há um ano. Também comprou o aparelho para ter facilidade no acesso e transporte de seus textos, principalmente aqueles que utiliza em sua pesquisa. Para esta leitora é importante que o *e-reader* leia os formatos *PDF* e *e-pub*, pois facilita muito a aquisição de material para os estudos, principalmente os que são gratuitos. Ela utiliza todos os recursos disponíveis no leitor e diz que os mais úteis são o dicionário e o campo de busca. Uma desvantagem é não poder compartilhar os livros com outras pessoas, visto que para isso seria necessário emprestar seu *Kindle* ou suas informações pessoais para *login*. Os textos que adquiriu até hoje continham apenas *hiperlinks* como recurso próprio do eletrônico.

A doutoranda utiliza o *Kobo* há um ano e compra livros da área acadêmica para ler no aparelho. O que mais a atrai no *e-reader* é a facilidade para comprar obras, principalmente quando são estrangeiras. Evita-se desgaste com as transportadoras e possíveis atrasos nas entregas, pois após o pagamento do livro, o exemplar está disponível para leitura em poucos minutos. Além disso, o preço do *e-book* costuma ser inferior ao do impresso e é mais prático armazenar os títulos no aparelho. Para quem não conta com muito espaço em casa é uma alternativa. Porém no momento da leitura há preferência

pelo impresso. Ler no papel é mais confortável e fazer as anotações na folha também. A leitora valoriza o material utilizado no livro: tipo do papel, da capa, textura.

O professor utiliza o *Kindle* há cinco anos e compra títulos para uso profissional. Realiza suas leituras no *e-reader* e no *notebook*, mas prefere utilizar este último, pois acha mais confortável fazer suas anotações utilizando o teclado do computador. Posteriormente emprega algumas dessas anotações em seus trabalhos e, por elas já estarem escritas em seu computador, adicioná-las é mais simples. A aquisição dos livros é mais rápida e o acesso a todos os títulos da biblioteca do aparelho também. Este leitor não sente mais cansaço por ler em tela e observa que lê mais *e-books* do que livros impressos.

O aluno com deficiência visual lê *e-books* há três anos. O primeiro a ser utilizado foi o *Ibooks*, e há dois anos o *Kindle*. Utiliza esses leitores como aplicativos no *IpHONE* e no *Ipod* e a conversão para o braile acontece por meio dos próprios aparelhos, que têm tabela¹ braile e se interconectam com a linha² braile. Nesses dispositivos é possível utilizar também o *VoiceOver*, um recurso de voz da Apple que narra textos, seja de livros, de

¹ A tabela braile contém os 63 símbolos empregados na escrita dos diversos textos a que o deficiente visual possa ter acesso, por exemplo, literário, científico, com sinais matemáticos, musicais e de informática.

² A linha braile é um aparelho utilizado pelo deficiente visual para leitura. Ela configura os símbolos linha a linha para que possam ser tateados pelo leitor. Evita-se dessa maneira que o arquivo a ser lido tenha que ser impresso.

e-mails, da internet ou de mensagens. Vale ressaltar que a acessibilidade não é garantida por algum recurso desses aplicativos de leitura e sim pelos aparelhos que os hospedam: *Ipod* e *Iphone*. Adquirir títulos diretamente do meio digital facilita muito sua rotina, pois elimina-se o trabalho de digitalização das páginas de um livro para posterior conversão em braile. Um dos aspectos que favorece o uso do *Kindle* por esse leitor é a possibilidade de sincronização. Seus títulos ficam atualizados e disponíveis para acesso em qualquer lugar, de qualquer outro aparelho e a qualquer momento. O índice ativo também é muito útil, pois lhe fornece um atalho para alguma parte do texto, ao clicar no título correspondente a essa parte no índice.

Para as editoras, o processo de produção de um exemplar em formato digital é basicamente o mesmo do impresso. O original é preparado, diagramado, revisado e por fim trabalhado em um programa que permite a produção de códigos para os caracteres a fim de que possam ser lidos virtualmente. A diferença de preços para os leitores é de aproximadamente R\$10,00 por exemplar, mas para os autores a diferença é significativa: 1.000 exemplares impressos custam entre R\$14.000 e R\$16.000, enquanto que os custos de um *e-book* variam entre R\$3.000 e R\$5.000.

A venda de livros impressos é superior à venda de *e-books*. A título de comparação, a cada 500 exemplares vendidos de um livro, apenas 50 são comprados em versão digital. Apesar disso, as editoras não interrompem a produção do eletrônico, pois quando há demanda para algum título, porém recursos insuficientes para a tiragem impressa, opta-se por publicar apenas em formato *e-pub*, evitando assim que o livro seja retirado do mercado. A editora Fino Traço colocou como novidade para seus leitores uma assinatura mensal para acesso a uma nuvem de livros. Funciona basicamente como uma biblioteca virtual. O acesso às obras digitais é mais rápido, econômico e fácil, mas ainda assim não atrai muito o público, sendo, por isso um meio pouco valioso para as editoras.

Apesar de todas as funcionalidades oferecidas pelo meio digital serem úteis às pessoas e de a maioria delas estarem bem introduzidas a esse meio, os leitores ainda se mantêm muito ligados ao livro impresso. Por uma questão de tradição e adaptação ao livro em formato códice e à materialidade do papel, boa parte do público lê mais nesse suporte, por mais que reconheça a utilidade de todos os recursos dos aparelhos eletrônicos. Por esse mesmo motivo, muitas características

dos e-books são semelhantes as do impresso: distribuição de páginas, diagramação, telas que imitam o papel. São meios diferentes, mas que ainda estão muito próximos em suas características e dão continuidade à cultura do impresso.

Referências

- AUBER, Francis Henrik. O que há de novo na linguagem eletrônica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 02 abr. 2000. Caderno 2/Cultura.
- CHARTIER, Roger. Línguas e leituras no mundo digital. In: _____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002. p. 11-32.
- CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CORTÁZAR, Júlio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. *O hipertexto em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2007.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GENETTE, Gérard. Introdução. In: _____. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 9-20.
- Hiperconto. Desenvolvido por Marcelo Spalding, 2009. Apresenta o hiperconto “Um estudo em vermelho” e outras produções literárias para o ambiente digital. Inclui também apresentação dos conceitos de hiperconto e de literatura digital. Disponível em: <<http://www.hiperconto.com.br>>. Acesso em 05 out. 2015.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da in-*

formática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LUZ para o saber. *Veja*, São Paulo, v. 23. n. 13, p. 56-57, 04 abr. 1990.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9670/11240>>. Acesso em: 05 out. 2015.

Marcelo Spalding: escritor, jornalista, professor. Desenvolvido por Marcelo Spalding, 2012. Apresenta informações sobre o autor do hiperconto “Um estudo em vermelho”. Disponível em <<http://www.marcelospalding.com/>>. Acesso em: 15 out. 2014

MARCOITTE, Sophie. O hipertexto. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. *O hipertexto em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2007.

OFFMAN, Craig. A biblioteca portátil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 2000. Mais!, E-livros, p. 8-13.

O FUTURO do livro. *Veja*, São Paulo, v. 32, n. 22, p. 140-141, 2 jun. 1999.

VANNEVAR Bush (1890-1974). 2012. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/internet/vannevar-bush.html>>. Acesso em: 19 out. 2015.

Este livro foi apresentado como trabalho de conclusão de curso, orientado pela Profa. Sônia Queiroz, em dezembro de 2015, na Faculdade de Letras da UFMG, como um dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras – Português com ênfase em Edição. Composto em caracteres Garamond e impresso a *laser* em papel Pólen 90 g/m² (miolo) e em papel Color Plus Roma 240 g/m² (capa).

V
V V
V V
viva voz